

**ESTRATÉGIAS PARA A VALORIZAÇÃO DA LÍNGUA
UMBUNDO: UMA ANÁLISE NO PROCESSO DE ENSINO
E APRENDIZAGEM EM UM COLÉGIO NO MUNICÍPIO DO
CAIMBAMBO – BENGUELA (ANGOLA)**

Adelino Tchendohamba Tchimbango (I.S.P.M. - Benguela)

adveropereira@gmail.com

RESUMO

Este trabalho surge de uma pesquisa realizada num Colégio da Província de Benguela (Angola), com o objectivo de analisar as estratégias apropriadas para valorização da língua umbundu no processo de ensino e aprendizagem. Partiu-se do princípio do processo de desvalorização que as línguas nacionais vêm sofrendo a todos os níveis da nossa sociedade. Diante deste pressuposto, surgiu a questão: “Como incentivar a valorização da língua umbundu no processo de ensino e aprendizagem?”. Com esta questão, foi feito um estudo exploratório que se traduziu em entrevistas e aplicação de inquéritos aos professores de um Colégio no Município do Caimbambo – Benguela (Angola) e no acompanhamento de aulas e dos momentos recreativos dos alunos. Dos dados colectados, constatou-se que, os professores da referida escola consideram importante o estudo e a valorização das línguas nacionais, já que eles consideram a língua de um povo como um património cultural que deve ser preservado, passado de geração em geração, porque quando isto não acontece, a língua simplesmente deixa de existir. Constatamos ainda que os mesmos professores consideram a língua como um instrumento fulcral para a comunicação e o desenvolvimento das actividades no dia a dia. Portanto, os professores apontam as seguintes estratégias para a valorização das línguas nacionais: implementação do ensino das línguas nacionais em todos os níveis de ensino, o uso do material existente no processo educativo, assim como o uso dos provérbios e contos durante as aulas e a promoção de palestras sobre a importância do ensino das línguas nacionais a nível das escolas do país.

Palavras-chave:

Língua. Umbundu. Valorização das línguas nacionais.

ABSTRACT

This work stems from research conducted at a school in Benguela Province, Angola, with the aim of analyzing appropriate strategies for valuing the Umbundu language in teaching and learning. The starting point was the devaluation of national languages at all levels of our society. Given this premise, the following question arose: “How to encourage the valorization of the Umbundu language in the teaching and learning process?”. With this question, an exploratory study was made that translated into attendance to classes, interviews and application of surveys to the teachers at a school in the municipality of Caimbambo – Benguela (Angola) and in monitoring classes and students’ recreational activities. From the data collected, it was found that the teachers of the referred school consider important the study and appreciation of national languages, since they consider that the language of a people is a cultural heritage that must be preserved. It must be passed down from generation to generation, because

when this does not happen, the language simply ceases to exist. We also found that the same teachers consider the language as a central instrument for the communication and development of activities in the day to day, however the teachers point out the following strategies for the valorization of national languages: implementation of the teaching of national languages at all levels of education; and promotion of lectures, on the importance of teaching national languages at the level of schools in the country.

Keywords:

Language. Umbundu. Valorization of national languages.

1. Introdução

O presente trabalho pretende abordar a problemática das estratégias para a valorização da língua Umbundu no processo de ensino e aprendizagem.

Pinto e Silva (2022) afirmam que apesar da diversidade linguística em termos das línguas nacionais e seus dialectos, a maior parte da população angolana e, sobretudo, a das zonas urbanas, fala português, língua veicular e de colonização. O Instituto Nacional de Estatística, de acordo com o recenseamento geral da população e habitação de Angola, realizado no ano 2014, afirma que 71% da população angolana fala e usa o português como veículo de comunicação. O mesmo documento afirma também que 23% da população fala a língua umbundu, sendo o grupo étnico linguístico mais numeroso de Angola.

Dado que a língua nacional umbundu para muitos é a língua materna, por meio da qual tiveram os primeiros contactos de comunicação e, pelo facto de, a mesma ter um nível de impacto cultural, pensamos nós, ser um assunto de investigação. Diante deste fenómeno, motiva-nos analisar o nível de aceitação no processo de ensino e aprendizagem e traçar estratégias para a valorização da mesma.

De acordo com o fenómeno em análise, levantamos o seguinte problema de investigação: “Como incentivar a valorização da língua umbundu no processo de ensino e aprendizagem?”. A partir do problema descrito anteriormente, surgiram as seguintes questões de pesquisa: 1. “Quais são os fundamentos teóricos da valorização de uma língua?”; 2. “Qual é o nível de aprendizagem da língua umbundu?”; 3. “Que estratégias são utilizadas para a valorização da língua umbundu?”.

Esta pesquisa tem o objectivo geral que visa analisar as estratégias apropriadas para a valorização da língua umbundu no processo de ensino

e aprendizagem em um colégio do município do Caimbambo – Benguela (Angola).

2. Língua

No *Dicionário de Didáctica das Línguas*, Gallison e Coste (1983) apresentam o conceito de língua a partir da definição de Saussure. Assim, para estes autores, língua é

[...] todo o sistema específico de signos articulados, que servem para transmitir mensagens humanas. A língua é de natureza social: é partilhada por uma comunidade que admite as suas convenções mas que, pouco a pouco, as modifica; daí o seu carácter evolutivo. (Gallison; Coste, 1983, p. 442)

Convém salientar que definir língua não se pode cingir a uma única perspectiva. Como referem Silva e Gonçalves, “a língua, principal meio de comunicação e de acesso a uma cultura, caracteriza-se não só pelas suas funções, como também pelo seu funcionamento”. Segundo Fischer (2011, p. 23), o conceito de língua é variável, de acordo com os diferentes prismas pelos quais se opte abordar este objecto de estudo.

Assim, língua pode ser definida como: um sistema, com vários elementos que o constituem (linguística); um processo cognitivo (psicolinguística); um instrumento, comportamento social que nos permite interagir na sociedade em que nos inserimos (sociolinguística); uma forma de arte (literatura). Este autor conclui a sua definição de língua, afirmando que, “para os professores de línguas, a questão fundamental não é tanto a de saber como é a língua, ou como se adquire, mas sim para que serve. E a resposta é comunicar.”.

3. Valorização de uma língua

A língua é considerada como um instrumento fulcral para a comunicação e desenvolvimento das actividades no dia a dia. No entanto, de acordo com a situação profissional, a proficiência linguística pode ser considerada uma mais-valia (Silva, 2020). A UNESCO (2014), citado por Silva (2020), considera a proficiência como a habilidade para identificar, compreender, interpretar, criar, comunicar e processar através da utilização de materiais escritos associados a diversos contextos.

Segundo Jorge (2018), a discussão sobre a valorização das línguas nacionais em Angola merece uma atenção e tratamento especial, porque, sabemos que a língua é o principal elemento da cultura e o primeiro instrumento de socialização (Cf. Rousseau, 1998, citado por Jorge, 2018), razão pela qual, a sua crise implica consequentemente a crise da cultura e da identidade de um povo.

Neste contexto, Ndombele (2017) defende que as valorizações das línguas angolanas devem ser concebidas como um potente factor da desalienação, de libertação ideológica através de uma renovada confiança em nós próprios, que o colonialismo nos tinha retirado desde as primeiras classes. Assim, elas, ao se constituírem como matérias de instrução, devem também constituir disciplinas autónomas e veículos de transmissão de conhecimentos e técnicas.

4. As línguas de Angola

O cenário linguístico angolano é composto essencialmente por três grupos: o grupo das línguas bantu, o das línguas não bantu e o grupo neolatino (Cf. Fernandes; Ntongo, 2002).

Em conformidade com Cotinguiba & Tondineli (2021), em Angola pertencem ao grupo bantu as seguintes línguas: 1. Cokwe, do grupo etnolinguístico tucokwe; 2. Quimbundo, do grupo etnolinguístico ambundu; 3. Quicongo, do grupo etnolinguístico bakongo; 4. Nganguela, do grupo etnolinguístico vanganguela; 5. Olunhaneka, do grupo etnolinguístico olunhaneka; 6. Oshihelelo, do grupo etnolinguístico ovahelelo; 7. Oshicuanhama, do grupo etnolinguístico ovambo; 8. Oshindonga, do grupo etnolinguístico ovandonga; 9. Umbundu, do grupo etnolinguístico ovimbundu.

Já no grupo das línguas neolatinas temos a língua portuguesa; no grupo das línguas não bantu temos a khoi, pertencente aos hotentotes, além da língua san, dos vankakala. Zau (2011), afirma que a abordagem do panorama linguístico angolano, concretamente dos principais grupos linguísticos, sugere aceitar que as línguas de Angola pertencem a dois grupos alargados de línguas em termos de origem. Neste sentido, Zau (2011) classifica os dois grupos de línguas em: 1. Línguas de origem africana; 2. Línguas de origem europeia.

5. A língua nacional umbundu

Uma língua é sempre um factor de identidade para as pessoas que a falam. É um património cultural que todo falante deve ter o dever e o direito de preservar. É uma prática social que deve ser passada de gerações em gerações, porque quando isto não acontece, a língua deixa simplesmente de existir (Vidal, 2020).

Não se pode descrever uma língua sem fazer referência ao povo que a fala. O umbundu é falado originalmente pelos ovimbundu, povo geografado maioritariamente no centro sul e litoral de Angola. Vivem a sul do Rio Kwanza, em quase metade do território da parte ocidental do país (províncias do Huambo, Benguela e Bié). Actualmente, os ovimbundu constituem mais de cinco milhões e quinhentos mil habitantes, isto é, mais de um terço da população total do país, que é de 25 milhões de habitantes segundo os dados do censo de 2014. Deste valor, 23% são falantes de umbundu. (Chombela, 2013, p. 49).

Ora, umbundu é a língua do antigo reino do Bailundo, que correspondia às actuais províncias do Huambo, Bié, Benguela e Namibe. Apesar de ser falado nas províncias de Benguela, Namibe e uma parte de Kwanza Sul, são as províncias de Bié e Huambo que se apresentam com um dialecto padrão do umbundu (Cf. Vidal, 2020).

O umbundu convive a norte com o kimbundu, dado que do Huambo, Bié e Benguela faz fronteira com as províncias de Kwanza Sul e Malanje. A leste, o umbundu encontra-se com o chokwe, falado nas províncias de Lunda Norte e Lunda Sul, e, a sul, com o muhumbi, o kwanhama e o nganguela, línguas faladas nas províncias do Namibe, Cunene e Cuando Cubango, respectivamente.

Embora existam outras línguas no sul de Angola, podemos afirmar, com certa segurança, que nestas regiões o umbundu serviu e continua a servir até aos dias de hoje, de língua franca entre as comunidades mais remotas (cf. Vidal, 2020). Ao ver de Pinto e Silva (2021), a origem dos ovimbundu ou (ovimbundo) tem sido motivo de vários estudos feitos por historiadores e linguistas. Os investigadores não são consensuais relativamente ao surgimento dos povos ovimbundu em Angola. Especula-se que este grupo etnolinguístico tenha a sua origem nas movimentações dos imbangala. Mais tarde, com a dispersão para o Sul, em direcção às fontes do Kwanza, deu-se uma aproximação étnica que resultou numa associação das populações autóctones com os imbangalas.

6. Propostas educativas no ensino e aprendizagem de Umbundu

Existem outros tipos de aptidões que podem ser aprofundadas, o que acontece quando o material didático é elaborado de maneira a despertar, além das habilidades intelectuais, aquelas que estão ligadas às relações humanas, questões com as quais se deparam todos os dias e às competências valorizadas no século XXI, como curiosidade, empatia, criatividade, raciocínio lógico, autonomia, capacidade de interação, comunicação e pensamento crítico. O ensino da língua umbundu deveria enveredar para as técnicas modernas de aprendizagem onde se destaca o uso correcto dos TICs, recurso aos métodos activos e modernos de ensino.

Para um ensino de qualidade, o perfil desejável de um professor de Língua Umbundu é o de um profissional comprometido com que os seus alunos aprendem, criando ambiente agradável, motivacional e desafiador. Segundo Caetano (2005),

(a) formação de professores é, certamente, a base fundamental de todo o processo de ensino e aprendizagem. Por isso, deve ser rigorosa para que os formandos venham a ser eficientes dentro do sistema educativo, cujo professor é comparado a um líder que assume e se compromete com os seus ideais de forma responsável. (Caetano, 2005, p. 41)

Sendo o português a língua oficial e como instrumento de educação, é necessário refletir sobre como ensinar em contexto multilingue e no seu aperfeiçoamento. Quando se fala de processos de ensino e aprendizagem de uma língua, é importante referir que os fatores idade, ambiente, motivação, contexto são aspectos que, de certa forma, contribuem para o fracasso de aprendizagem dos alunos. Mas, apesar desses e outros factores, a escolha de métodos que se enquadre a estes fatores e contexto são necessárias metodologias para produzir um ensino de qualidade.

O professor de Língua Portuguesa não deve ignorar, a língua em si mesma é o fator primordial para que haja uma boa relação entre as pessoas. É necessário saber comunicar. E para uma comunicação eficiente pressupõe o uso da linguagem tendo em conta o contexto social a noção gramatical enquanto norma que rege a própria língua. O professor de Língua Umbundu deve viabilizar o entrosamento dos três elementos mencionados anteriormente para que o aluno, desde cedo desenvolva as competências básicas de uma língua.

O ensino de qualquer língua está centrado no desenvolvimento de três principais competências, nomeadamente: leitura, escrita e fala e a

língua umbundu não foge a regra. Portanto, o professor de Umbundu deve incentivar e usar métodos que ajudam a desenvolver essas competências.

Portanto, concluímos com Comenius (2008, p. 82), dizendo que recorrer a metodologias eficientes para o desenvolvimento das competências de leitura, escrita e fala nos alunos, resume-se ao ensino de uma determinada língua. E para o ensino eficiente de uma língua é importante ter em consideração os recursos didáticos como parte da pedagogia que estuda as técnicas e procedimentos de ensino e aprendizagem.

7. O uso do material existente no processo educativo

Nesse cenário, o material didático escolhido para ser usado na sua escola deve aprofundar o desenvolvimento dessas habilidades de acordo com os anos escolares e as idades dos estudantes. Para os pequenos que estão no início da trajetória estudantil, um material didático rico em interações é capaz de despertar a curiosidade pelo saber e deixar as crianças mais à vontade no ambiente escolar, fazendo-as se interessarem cada vez mais pela disciplina.

Cada personagem possui características e personalidades diferentes para mostrar aos estudantes que todos podem ser únicos e conviver em perfeita harmonia, respeitando uns aos outros. Além dessa função mais voltada para as questões de desenvolvimento das habilidades do século, já citadas anteriormente deve estar presente no dia a dia dos alunos durante as atividades propostas, os livros didáticos, que para a disciplina em estudo e na classe a que se refere o nosso trabalho é ainda uma grande dificuldade já que a produção de materiais de línguas nacionais em especial o de língua umbundu é muito tímida.

Durante todo o processo de ensino e aprendizagem de um estudante, a união entre a teoria e a prática é fundamental para que ele se desenvolva intelectualmente de forma adequada. Sendo assim, um material didático que valorize essas duas vertentes deve estar presente em uma escola. O material didático é importante pela necessidade de uma base para a elaboração das propostas pedagógicas por parte dos planejadores e do corpo docente, além de guiar os estudantes durante sua vida escolar.

Tendo sido demonstrado na pesquisa ora realizada, achamos que pouco se faz ou quase nada se faz para engradecer a língua umbundu nos processos educativos. Neste quesito, para a valorização e uso do material

já existente achamos pertinente propormos as seguintes actividades: 1. Divulgar o material já existente e orientar o uso correcto do mesmo porque o conhecimento das características dos materiais didáticos é essencial para elaboração das propostas pedagógicas que guiarão os alunos durante os anos escolares; 2. Criar locais apropriados para a conservação e utilização correcta dos materiais didáticos existentes; 3. As escolas devem incentivar ambientes onde as crianças e os adolescentes desenvolverão diversos tipos de habilidades ligadas a vários campos do conhecimento. Para tal, elas devem disponibilizar material didático da língua umbundu que contribui de forma massiva para essa capacitação, já que é nele que os estudantes encontrarão explicações que complementam a fala do professor e conseguirão praticar o conteúdo aprendido através de exercícios e actividades.

Não obstante a produção tímida de materiais de apoio ao ensino da língua nacional umbundu, existe alguns materiais conforme abaixo mencionamos que devem ser utilizados na Escola onde efectuamos o nosso estudo: 1. Livros de contos, de Francisco Kapitiya “traduzidos em umbundu”; 2. *Gramática da língua umbundu*, de Moisés Malumbu; 3. *Gramática da língua umbundu*, de Francisco Valente; 4. *Dicionário português vs umbundu*, de Francisco Valente; 5. *Dicionário Digital online* (www.ovimbundu.org); 6. *Dicionário português-umbundu vs umbundu-português da Comunidade Escola de Umbundu*; 7. *Folhetos da língua umbundu (Aprendendo o abc da língua umbundu)*; 8. *Manual de Alfabetização da Língua Umbundu*; 9. *Gramática da Missão Católica de Tchindjendje*; *Aulas de Língua Umbundu (saber ler e escrever em condições)*; 10. *Umbundu na Prática*, de Oliveira Cicolomuenyo; 11. *Ulandu waka-sinda (Livro de histórias) da Comunidade Escola de Umbundu*.

O uso das fontes orais chega ser de importância inegável, sobretudo em línguas nacionais, mormente, a língua nacional umbundu, já que as línguas nacionais por hoje são maioritariamente dominada por mais velhos (seculos) que ensinam muitas vezes com provérbios de modo a transmitir também educação para as novas gerações. O mesmo se aplica para os homens da cultura e autoridades religiosas, e nas suas missões diárias fazem uma série de materiais em línguas nacionais que colocam à disposição de leitores e que destes acreditamos que podem ser retirados grandes lições para o aprendizado da língua. E porque deste modo impedimos também que essas línguas morram com o desaparecimento dos mais velhos, que são conhecedores da mesma. Ganhando assim a camada

juvenil uma riquíssima herança que no final é nossa e precisamos dar o valor merecido.

Acreditamos que com estes materiais reunidos, conseguimos ter alguma qualidade de ensino da língua umbundu, garantindo assim o sucesso que auguramos em todas as instituições de ensino de professores do ensino primário e secundário.

8. O uso de provérbios e contos durante as aulas

A língua umbundu é rica em provérbios e anedotas, muitos deles já se encontram compilados, mas grande parte ainda carecem registo em recursos modernos. Para o uso coreto de provérbios e contos durante a valorização da língua umbundu, propomos as seguintes atividades: 1. Reedição e divulgação da obra de Francisco Valente sobre Provérbios e anedotas umbundu; 2. Elaborar uma colectânea de anedotas e provérbios umbundu 3. No contexto escolar: Recolha de músicas tradicionais; Recolha de Contos, Provérbios, Adivinhas Oraís; Recolha de receitas da gastronomia local/tradicional; Cursos Livres de Línguas Português e Umbundu; Tradução para umbundu da colecção de contos da editora Piaget; Feiras temáticas e actividades culturais pelos estudantes; 4. Colaborar com as instituições religiosas no uso e divulgação da língua umbundu.

9. Conclusões

Com base nos resultados, discussões e reflexões elencadas nesta investigação, chegamos às seguintes conclusões:

- Constatou-se que a diversidade linguística em Angola é bastante grande. O país contabiliza segundo estatísticas de Gomes, (2014), entre 90 (noventa) a 100 (cem) variantes linguísticas faladas ao longo do território nacional. Entre as quais destacam-se as línguas cokwe, kimbundu, kicongo, ngangela e umbundu;

- Torna-se necessário fazer referência que nenhuma delas tem uma dimensão nacional/oficial, razão pela qual o debate sobre o estatuto destas línguas está ainda em aberto;

- Os dados da pesquisa de campo revelam que a língua umbundu ainda não é bem valorizada, sobretudo nas zonas urbanas e sub-urbanas;

- As nossas propostas sobre a valorização dessa língua assentam sobre os três pilares, nomeadamente: A educação e aprendizagem da língua umbundu, o uso de material já existente e a valorização dos provérbios e contos em umbundu.

10. Recomendações

Com base nos resultados obtidos, nos aspectos particulares observados durante a nossa investigação e nos dados apresentados neste estudo recomenda-se à direcção da escola:

- A promover e realizar palestras com temas relevantes que incentivem uma reflexão crítica e consciente em torno da valorização das línguas nacionais do nosso país;

- Cooperar com os professores de Língua Portuguesa da referida instituição de ensino para incentivarem a leitura e a escrita de textos em línguas nacionais;

- Incentivar instituições de ensino a criar políticas que visem despertar interesse e vontade nos alunos a valorizarem mais as línguas nacionais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, F. F. Interferências linguísticas como sintoma de Tradição Discursiva na produção escolar. *Entre palavras*, 9, p. 332-53, 2019.

ANGOLA. *Constituição da República de Angola*. Luanda: Imprensa Nacional, 2010.

ANTÓNIO, J. L. *Interferência da Língua Kimbundu no Português Falado em Kwanza Norte: Alguns Casos no Município Sede Cazengo-Ndalatando*. Dissertação (Mestrado em Estudos Lusófonos) – Covilhã, 2018.

CAETANO, A. P. *Mediação em Educação: da Conceptualização e Problematização de Alguns Lugares comuns à Modelização de Casos Específicos*. São Paulo: Revista de Estudos Curriculares, 2005.

COMÉNIUS, J. A. *A didáctica Magna*. São Paulo: Fonte, 2008.

COTINGUIBA, M. L.; Tondineli, P. G. Contextos de aprendizagem e de descrição de línguas autóctones autóctones e alóctones. Porto Velho: Coleção Pós-Graduação da UNIR-EDUFRO, 2021.

FERNANDEZ, J.; NTONDO, Z. *Angola: povos e língua*. Luanda: Nzila, 2002.

FONSECA, D. J. As línguas nacionais e o prestigioso português em Angola (Vol. 2). *Anais do SIELP*, 2012.

GIL, A. *Como elaborar projectos de pesquisas*. São Paulo: Atlas, 1996.

GOMES, S. F. Relações entre língua oficial e línguas locais na escola: como as crianças de aldeias de Cabinda-Angola aprendem o português e em português. Dissertação (Mestrado em Educação) – Belo Horizonte: 2014.

JORGE, F. J. *A situação linguística em angola: valorização das línguas nacionais e coabitação pacífica com a língua portuguesa*. Luanda: Faculdade de Letras da Universidade Agostinho Neto, 2018.